

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Comunicado do Estado

Class.: 614

Data: 29/12/83

Pg.: _____

EDITORIAL

Por que não dividir a Reserva de Dourados?

Essa história de briga de índio começou quando eles se estabeleceram na terra, há milhares de anos e recrudescer, no Brasil, com a descoberta da terra pelos portugueses. São célebres as guerras de tabajaras contra potiguaras, de guaranis contra kadwéus, os tamoiós ajudaram os franceses, os tupinambás ficaram com os portugueses de Caramuru, os paiaguás chacinaram os espanhóis de Juan Ayola...

Foi graças a essas disputas internas que Pizarro liquidou o império dos incas e os europeus, especialmente os peninsulares, vieram, conquistaram, dominaram... e se mestiçaram, criando as nações das Américas.

O que está acontecendo, ainda hoje, na reserva de Dourados, já aconteceu mil vezes, por esses brasis afora, entre os índios e entre índios e brancos. E acontecerá enquanto houver índios segregados, para preservação de sua "cultura".

Isso não quer dizer que estejamos pregando o fim das aldeias e reservas, a intervenção da Funai e muito menos a espoliação das últimas terras deixadas aos selvícolas. Ao contrário, acreditamos que elas devam ser rigorosamente conservadas para os próprios índios e que esses possam e devam preservar nelas muitos dos seus costumes e tradições, mas também acreditamos que é nosso dever evitar e impedir que outras tradições e costumes, como os das guerras intestinas e a solução da violência para resolver problemas internos, continuem prevalecendo às nossas barbas e afrontando nossa leis.

Nessas condições, se há dois grupos irreconciliáveis que se matam um ao outro, se há duas filosofias mutuamente inassimiláveis, se essas filosofias se transformaram em partidos e os partidos estão elegendo a guerra para dirimir suas divergências, porque não separarmos, antes, os contendores, deixando cada um deles com seu chefe natural?

O capitão Ramão Machado e seus liderados "amarelos" são julgados elementos espúrios pelos seus contendores do partido "verde", liderados por Fernando Jorge. Machado seria detestado e insultado pelo outro grupo com a alcunha de "mestiço" e por querer impor um regime de trabalho que não se coadunaria com a tendência natural dos demais. De sua parte, ele acha que Fernando Jorge, embora índio, não é de nenhum dos grupos aos quais a reserva pertence e que, além disso, se deixa manivelar por um político de Dourados, a quem elegeu com os votos da reserva.

Os "verdes", ou rebeldes, seriam os autênticos, os que não aceitam de bom grado a ingerência da Funai e querem preservar seus usos, costumes e uma independência maior dos brancos, os quais somente seriam admitidos quando lhes fossem dar alguma coisa de que necessitassem.

O capitão Ramão Machado de Matos foi cacique das três tribos aldeadas na reserva de Dourados, durante dez anos, é agri-

cultor, possui um trator e máquinas auxiliares e lavra uma grande área da reserva. Agora quer ser reeleito; seus adversários lhe opuseram, Fernando e Jorge e formaram um sólido esquema defensivo-ofensivo. As forças ficaram tão iguais que houve um empate na primeira votação e a segunda foi anulada por divergências insanáveis entre os dois grupos.

Desde a formação dessa richa, os ânimos se exaltaram tanto que aos poucos, sub-repticiamente, as partes concluíram que as divergências devem ser resolvidas pela guerra, finda a qual os vencedores sobreviventes escolheriam seu cacique. E como uma guerra assim não seria permitida pelos "brancos", começaram as acusações recíprocas e as lutas internas.

O enfermeiro Marçal de Souza, um líder da aldeia Campes- tre, foi assassinado misteriosamente e não faltou quem acusasse o capitão Ramão de mandante da proeza. Uma série de brigas tem havido entre os dois grupos e agora, nas vésperas do Natal, um irmão de Ramão (Wilson Duarte de Matos) matou a tiros Guaraci de Souza, que o teria agredido à faca, numa briga em que se incorporaram mais dois elementos, Ivão de tal, a favor do assassino e um tal de Clementino (todos índios) a favor da vítima.

Enquanto a facção "verde" se armava para vingar o morto e grupos exaltados acusavam publicamente Ramão de ser o mandante, exigindo sua prisão, este, que nem sequer sabia do fato, prevenido dele e avisado onde o irmão se encontrava, o obrigou a entregar-se à polícia.

O ambiente está tumultuado. Ninguém se entende. Fernando Jorge, líder "verde", diz que para pacificar a reserva só resta a solução de os dois chefes (ele e Ramão) saírem de lá. Ramão, de sua parte, declara que nasceu na reserva e de lá não sairia e apontou o outro como um mero insuflador de discórdia, "mais interessado em política do que em plantação". É óbvio que ele, dispondo das terras da reserva para plantar, não ia sair de lá e ficaria obrigado a arrendar terras, enquanto o outro, que nada planta ou planta pouco, nada ou quase nada perderia.

Hoje os índios, desinteressados em eleições - só se interessa por eleições, branco ou índio, quem pensa que vai ganhar - estão pregando a guerra. Dizem francamente, na televisão, que "se a polícia não der jeito nisso, nós damos..." O ambiente é explosivo e a saída dele cheia de dificuldades.

Diante desse ambiente, talvez seja válida a sugestão de dividir a reserva em duas partes. Numa ficariam os "amarelos" com Ramão de chefe. Noutra o cacique seria Fernando Jorge, dos "verdes", dirigindo seus comandados.

Assim, cada grupo procuraria seu destino, já que há terras para todos. Um dia essas reservas se dividirão, distribuídas entre as famílias dos que as habitarem. Então os índios talvez já tenham aprendido a conviver unç com os outros e com os "brancos" e poderão cultivar suas terras sem discriminação de tribo, de mestiçagem ou de hábitos.